

# Representações em memes de intérpretes na comunidade surda

*Representations in memes of interpreters in the deaf community*

Maria Kérsia da Silva Dourado<sup>1</sup>

Cellina Rodrigues Muniz<sup>2</sup>

**Resumo:** A acessibilidade para pessoas surdas envolve, para além dos aspectos profissionais e legislativos, o humor, importante ferramenta de difusão cultural. Nesse sentido, os *memes* desempenham papel particular, ao retratarem, por exemplo, a atuação do profissional Intérprete de Língua de Sinais (ILS). Embasados no viés metodológico da Análise do Discurso, propomos analisar como esses memes, que retratam as figuras de intérpretes e da pessoa surda, se constituem a partir do embate entre posicionamentos (construídos, por sua vez, por meio de cenas e ethos). Para essa análise, respaldamo-nos nas contribuições teóricas de Maingueneau (2008, 2011, 2012, 2016) para entender como a constituição de determinados *ethé* atribuem sentido às experiências da comunidade surda. As análises desta pesquisa indicam que: a) os memes incorporam os *ethé* que, encenados, apontam para determinados posicionamentos (desqualificantes e qualificantes da/à comunidade surda); b) a construção *ethótica* das figuras de intérpretes e surdos representados nos memes tem relação com as experiências surdas na comunidade.

**Palavras-chave:** Memes; Análise de Discurso; posicionamentos; comunidade surda

**Abstract:** The accessibility for deaf people involves, in addition to professional and legislative aspects, humor, an important tool for cultural diffusion. In this sense, *memes* play a particular role, by portraying, for example, the performance of the professional Sign Language Interpreter (SLI). Based on the methodological bias of Discourse Analysis, we propose to analyze how these memes, which portray the figures of interpreters and the deaf person, are constituted from the clash between stances (constructed, in turn, through scenes and ethos). For this analysis, we rely on the theoretical contributions of Maingueneau (2008, 2011, 2012, 2016) to understand how the constitution of a certain *ethé* gives meaning to the experiences of the deaf community. The analyzes of this research indicate that: a) the memes incorporate the *ethé* that, staged, point to certain stances (disqualifiers and qualifiers from/to the deaf community); b) the *ethotic* construction of the figures of interpreters and deaf people represented in the memes is related to the deaf experiences in the community.

**Keywords:** Memes; Discourse Analysis; stances; deaf community.

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Auxiliar da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó – FELCS/UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3927530392741803>. E-mail: [kersiadourado@gmail.com](mailto:kersiadourado@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, com pós-doutorado em Linguística pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3344414293603633>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7180-1994>. E-mail: [cellina979164@gmail.com](mailto:cellina979164@gmail.com).

## Introdução

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais<sup>3</sup> (Libras) foi uma das maiores conquistas da comunidade surda, usuária dessa língua. Oficializou-se, em território nacional, pela Lei Federal 10.436 (BRASIL, 2002), e regulamentou-se, logo após, pelo Decreto 5.626 (BRASIL, 2005). A lei vigente trouxe visibilidade para a comunidade surda, sendo marco para a implementação subsequente de leis de inclusão e acessibilidade para surdos, inclusive a regulamentação da profissão Tradutor e Intérprete de Libras (TILS).

O Tradutor e Intérprete de Libras tem um papel fundamental para a comunidade surda na intermediação comunitária entre os falantes da Língua Brasileira de Sinais, por meio da interpretação da língua oral auditiva para a língua visual espacial, e vice-versa. Esses profissionais podem atuar em diversos contextos e ambientes, como escolas, universidades, repartições públicas, empresas privadas, congressos, seminários, programas televisivos. Suas performances tradutórias se tornaram objetos de materiais humorísticos entre os internautas. Neste trabalho, abordaremos um dos artefatos de humor que ganhou destaque nas redes sociais, os *memes*.

Para constituição do corpus, consideramos os memes de internet criados e compartilhados nas contas *on-line* de comunidades surdas. Ancoramo-nos em Perlin, Miranda (2003) e Felipe (2011) para explicar, previamente, que comunidade surda constitui um grupo de pessoas que se caracterizam por meio do artefato cultural linguístico (língua de sinais), compartilham objetivos comuns entre seus membros e, de vários modos, trabalham para alcançarem seus objetivos.

Nessa direção, interessa a nossa pesquisa como esses memes produzidos na e pela comunidade surda retratam as figuras do intérprete e do surdo a partir do embate entre posicionamentos. Diante disso, recorreu-se à concepção de *cenas enunciativas* e *ethos*, na forma defendida por Maingueneau (2008a, 2008b, 2011, 2012, 2015, 2016a, 2016b), para a constituição de determinados *posicionamentos*, consoante o modo de organização dos grupos que os elaboram e os fazem circular.

Este artigo está estruturalmente dividido em setes seções, quais sejam, introdução, percurso teórico-metodológico, comunidade surda e posicionamentos,

---

<sup>3</sup> A expressão Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada pelas autoras Quadros e Karnopp (2004).

cenar enunciativas e ethos, análise do *corpus*, considerações finais e referências bibliográficas.

### **Percurso teórico-metodológico**

No que se refere ao objeto de estudo, focalizaremos a análise de memes imagéticos, normalmente compostos por uma imagem, uma gíria ou bordão. Os recursos verbais são colocados sobre a imagem (em cima ou embaixo) e não são necessariamente relacionados com o item visual (GUERRA e BOTTA, 2018).

Dito isso, com vistas a delimitar o percurso de seleção dos dados, primeiramente, utilizamos uma ferramenta de busca como o *Google imagens* e encontramos um meme disponível em língua estrangeira. Já os demais memes elegidos fazem parte do acervo de pesquisa de Dourado (2022). A escolha desses últimos, presentes em nosso acervo, justifica-se devido à temática dos memes. Como explicitado anteriormente, esses artefatos retratam a figura do profissional Intérprete. Neste artigo, iremos rever algumas afirmações, fruto de certas inadequações teórico-metodológicas. Em razão desses desvios ocasionais, cometemos imprecisões analíticas, como a que se segue: “a difusão desses memes que indicam determinado rebaixamento na figura do profissional TILS e da pessoa surda não se encontra nos ambientes virtuais da comunidade surda” (DOURADO, 2022, p. 13). De fato, há um rebaixamento da figura do profissional intérprete, contrariamente ao expresso no excerto aludido.

Haja vista tratarmos de analisar os efeitos de sentido que emergem de memes imagéticos, a metodologia mais adequada baseia-se na abordagem qualitativa e interpretativista, por sua natureza emergente, flexível e distante de verdades pré-fabricadas e conclusas. Esse entendimento também se apresenta na Análise do Discurso (AD), motivo de nossa escolha para análise e interpretação dos memes.

A AD não se interessa pelo sentido subjacente do texto, como se o discurso possuísse uma camada intrínseca que se mostra à medida que vamos dissecando o texto. Pelo contrário, com respaldo em Maingueneau (2008, 2012, 2016), interessa saber como uma comunidade gera seus próprios conteúdos, ao mesmo tempo em que sustenta a legitimidade de seus posicionamentos. Articular uma maneira de dizer também é uma maneira de ser de determinado grupo social. O indivíduo/membro é

atravessado pelo contexto ideológico e histórico de sua comunidade, considera seu lugar de fala e de pertença, e enuncia com a finalidade de divertir, criticar, debochar, entre outras intenções consoante as experiências comunitárias.

Nesta pesquisa, observamos as diferentes posições enunciativas que envolvem as figuras de intérpretes e de surdos, e as especificidades desses dizeres em relação ao que se fala e como se fala. Intentamos compreender quais recursos são mobilizados de forma proposital pelo locutor – um investimento da imagem de si –, de modo a conquistar o interlocutor.

Por outro lado, os memes podem gerar alguns efeitos de sentido para a pesquisadora, os quais, vale salientar, talvez não correspondam à intenção dos autores dos memes. Isso porque, essencialmente, a investigação qualitativa é interpretativa. Conforme aponta Dornyei (2007, p. 38), significa dizer que “os resultados da investigação são, em última análise, o produto da interpretação subjetiva dos dados por parte do investigador”.

Todavia, qualquer pesquisa, até mesmo as quantitativas, por mais “objetivas” que sejam, não garantem que os resultados não sejam influenciados pela natureza subjetiva do pesquisador, haja a vista que toda geração de dados parte do olhar inerente do investigador, bem como do seu interesse em abordar determinado problema. Como diriam os autores Bauer, Gaskell e Allum (2008, p.24), “Nós mesmos nunca realizamos nenhuma pesquisa numérica sem enfrentar problemas de interpretação. Os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados”.

### **Comunidade surda e posicionamentos**

Tomando como ponto de partida Maingueneau (2012), “posicionamento” faz parte de uma das categorias de base da AD e diz respeito à instauração e à conservação de uma *identidade enunciativa*. O autor define posicionamento como uma identidade enunciativa forte e

[...] um lugar de produção discursiva bem específica, considerando a análise num campo discursivo. Esse termo designa ao mesmo tempo as *operações* pelas quais essa identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo, e *essa própria identidade* (MAINGUENEAU, 2012, p. 392).

Portanto, não podemos falar de posicionamentos como um conjunto de textos, um *corpus*, mas sim como sendo uma imbricação de um modo de organização social e um modo de existência de textos (MAINGUENEAU, 2008).

Considerando que uma determinada organização social produz e veicula textos, que caracterizam uma cultura comunitária própria, é possível perceber, conforme a obra de Maingueneau (2008), a representação de uma *comunidade discursiva*. Para o teórico, “falar de comunidade discursiva é afirmar que, por um movimento de envolvimento recíproco, a comunidade é cimentada por discursos que são produto dessa mesma comunidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 45). É nesses grupos, portanto, que se mantêm uma memória e que se compartilham determinados estilos de vida, de normas etc.

Podemos, assim, perguntar se a comunidade surda desempenha a mesma função de uma comunidade discursiva, próxima da definida por Maingueneau, ou seja, uma comunidade que

[...] tem sua identidade marcada pelos *saberes de conhecimento* e de *crença* nos quais seus membros se reconhecem e dão testemunho ao produzirem discursos que circulam no grupo social. Essa comunidade discursiva é portadora de julgamentos, portanto, é formadora de opiniões (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2012, p. 109).

Conforme Felipe (2011), uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, compartilham os objetivos comuns de seus membros, e, de vários modos, trabalham para alcançar estes objetivos. Esses lugares, de acordo com Strobel (2009), muitas vezes têm sido sinônimo de grupos de surdos que participam e compartilham suas metas dentro de associações, igrejas, federações, escolas e outras localizações. Para além desses, acrescentamos as práticas exercidas pelas comunidades surdas e constituídas na *Web*.

Porém, há uma necessidade de sermos cautelosos quando se trata de atribuir as mesmas características da comunidade surda à comunidade discursiva, não porque não tenham alguns pontos em comuns, mas por aquela incorporar significados que ultrapassam esta. Primeiramente, porque comunidades surdas são plurais, isto é, não se constituem apenas por membros surdos. Também fazem parte desse grupo pessoas surdas, surdos oralizados, surdos com baixa visão, surdos implantados,

ouvintes, tradutores intérpretes, CODAs (filhos de pais surdos). Além disso, a comunidade surda é marcada por dispersões, ou seja, o contato de cada surdo no seio da comunidade tem caráter intermitente, descontínuo, o que afeta o reconhecimento identificatório pelos membros.

Em seguida, as extensões do conceito de comunidade surda ainda não estão claramente definidas. Há alguns autores que afirmam a comunidade surda ser uma *comunidade linguística* (FELIPE, 2011); outros a descrevem sob a forma de *comunidade de fala* (COUTO, 2005). Tais leituras trazem à tona distensões que marcam diferentes interpretações sobre a comunidade. Contudo, por meio desses autores mencionados, é possível estabelecer um ponto de partida para caracterizar a comunidade surda, constituída a partir da identificação de um dos principais artefatos culturais: a Língua de Sinais.

Por ora, seguiremos com a introdução do conceito pelo autor Hugo Eiji Nakagawa (2012)<sup>4</sup>, do qual se entende comunidade surda, então, como um espaço de trocas simbólicas em que as línguas de sinais, a experiência visual e os artefatos culturais surdos são partilhados entre os membros que congregam interesses comuns e projetos coletivos.

Observa-se que Maingueneau (2008, p. 44) focaliza a comunidade discursiva sob condições mais institucionais de legitimação da enunciação, por essa razão, “não há independência entre as normas que regem os modos de vida da comunidade e o ‘conteúdo’ de seus posicionamentos”.

Isso é pertinente no que concerne às produções da comunidade surda, pois mesmo que essa possua um caráter mais cultural, os princípios que a alicerçam são políticos. Seus enunciados representam um conjunto de crenças e práticas próprias; significações que seus membros constroem e reconhecem.

Todas essas práticas de significação constroem seus lugares a partir de onde os sujeitos falam, os mobilizam a posicionar-se e a exercer diferentes papéis representativos na/da comunidade. Conseqüentemente, esse grupo produz e gera discursos que influenciam outros; incluem, mas também excluem como veremos na análise.

---

<sup>4</sup> Esse conceito também é apresentado em seu blog, cujo artigo “comunidades surdas”, se encontra disponível em: <https://culturasurda.net/comunidades-surdas/>. Acesso em 25 nov. 2021.



Assumir um posicionamento implica em diferentes formas de investimento – as quais citaremos neste trabalho –, em uma cenografia e em um *ethos*.

### **Cenas enunciativas e *ethos***

Considerando a abordagem metodológica adotada, optamos por buscar fundamentação na Análise de Discurso (AD) para a interpretação dos dados qualitativos, ancorada sobretudo nos postulados de Maingueneau referentes à exploração das cenografias e à construção do *ethos*.

Memos envolvem construções de sentidos para e por sujeitos. Para apreender esses efeitos de sentido, reconhecemos uma imagem discursiva no processo de adesão do interlocutor a uma determinada posição enunciativa. Retornaremos a isso adiante, ao considerar as encenações *ethé* no/pelo discurso, por ora, citamos que, “qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente” (MAINGUENEAU, 2016b, p. 75).

O discurso possui uma dimensão construtiva, que pode não estar restrita no espaço instituído por um gênero. Um exemplo são os conteúdos produzidos por meio da *Web 2.0*<sup>5</sup>. Em um clique, os navegantes da *Internet* embrenham-se pelo mundo multissemiótico e circulam entre textos, páginas e *links* descobertos.

Essa situação de comunicação na *Web* pressupõe uma atividade enunciativa, que escapa das restrições impostas por um gênero tradicional (impresso). Logo, a cenografia desempenha aqui um papel central. Ela “mobiliza massivamente as fontes propriamente verbais, multimodais (imagem fixa, em movimento ou som) e as operações hipertextuais” (MAINGUENEAU, 2016a, p. 143).

Para Maingueneau (2008, 2010, 2016b), a cenografia é construída pelo próprio texto. Não se trata de um quadro estável, como se o discurso aparecesse no interior de um espaço já construído e independente dele. Temos, assim, uma cenografia como processo constituinte do discurso e da organização de sua mensagem. Por esse ponto de vista,

---

<sup>5</sup> Web 2.0 é um termo usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet, por meio de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologias da informação. O termo diz respeito tanto às inovações técnicas como a uma mudança na forma como ela é percebida por usuários e desenvolvedores, ou seja, como ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens.

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência (MAINGUENEAU, 2016b, p. 77).

Essa proposição convém aos usuários de memes, já que os indivíduos que os elaboram fazem-no a partir de um interesse específico, tendo em vista a adesão do público a determinado posicionamento. Nisso, decorre o seguinte investimento, que dá ao discurso uma voz condizente com a cenografia pretendida: o *ethos*.

O *ethos*, bastante estudado pela retórica, consiste num conjunto de técnicas capaz de causar boa impressão. Por meio da oratória e da eloquência, a fala produz uma imagem de si capaz de convencer uma audiência. Trata-se de uma imagem de si que o enunciador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real. Maingueneau (2016b) reformula essa noção de *ethos* dentro do quadro da AD. Para esse teórico, o enunciador deve legitimar seu dizer, isto é, em seu discurso deixa-se apreender como voz e como um *corpo* enunciante, inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente.

O *ethos* se desenvolve em relação à noção de cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2012). O enunciador pode escolher, com certa restrição do gênero, sua cenografia ou a situação que lhe dita sua postura, seja a de ironizar uma candidatura em uma eleição, a de denunciar uma injustiça etc. Assim, a imagem discursiva é ancorada em estereótipos, um arsenal de representações que influenciam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura.

Nessa perspectiva, o meme levanta uma posição discursiva definida pelo conteúdo de sua mensagem, que permite especificar e validar o *ethos*, bem como sua organização cenográfica, do qual o conteúdo surge. Configuram-se, assim, os sentidos que interpelam os destinatários a respeito da maneira como a mensagem deve ser (idealmente) compreendida.

Contudo, Maingueneau (2008, 2010, 2011) alerta que a “incorporação” do leitor ao texto não é um processo uniforme. O *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido pelo alocutário (interlocutor ou coenunciador). Os seguintes exemplos são citados pelo autor:



Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo. Os fracassos em matéria de *ethos* são moeda corrente (MAINGUENEAU, p. 16, 2011).

O enunciador deve ganhar o público, que está no direito de recusá-lo ou ignorá-lo. Para isso, Maingueneau (2008, 2016b) fala de um “tom” no discurso que permite ao alocutário construir uma representação do corpo do enunciador (que, subjetivamente, desempenha o papel de *fiador*), uma figura enunciativa que indica “quem o disse”. Essa concepção mais *encarnada* do *ethos* joga com um conjunto de representações, estereótipos, crenças e costumes legitimados pelo social/coletivo, e que a enunciação contribui para reforçar ou transformar.

Dessa forma, o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, apreendida através de um comportamento o qual o destinatário incorpora – se apropria desse *ethos* – por meio dos indícios textuais e por um conjunto de representações que corresponde a sua maneira específica de relacionar-se com o mundo.

Nessa extensão, o mundo ético é ativado para incorporar o *ethos* das figuras de intérpretes e/ou surdos representadas, que, encenados, acenam às posições desqualificante/rebaixamento e qualificante/cultural, como indicados na seção de análise a seguir.

## **Análise do corpus**

### **1.1 Posicionamentos desqualificantes**

**Figura 1:** “Vamos falar tão rápido, que o intérprete não consiga acompanhar!”



**Fonte:** Meme. Disponível em: <<https://twitter.com/lingholic/status/665938099357294593>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

O meme traz uma cena do filme de Austin Powers, com os personagens caindo na gargalhada. A cenografia construída por meio do imagético e do enunciado verbal, “vamos falar tão rápido, que o intérprete não consegue acompanhar!”, expressa a diversão e a provocação da comunidade em testar os intérpretes em algum momento (seja em evento acadêmico, em palestras, em reuniões escolares etc.). Este meme é um claro exemplo de que, se o interlocutor (leitor) não possuir algum conhecimento sobre “as almas” das línguas de sinais, isto é, de pertencimento à cultura surda, dificilmente conseguiria visualizar as informações *éticas* presentes nos discursos já-ditos e não-ditos da/na comunidade, considerando que o próprio leitor é o construtor dos sentidos.

A participação de intérpretes pouco qualificados para atenderem ao público surdo em diversas esferas sociais não é algo incomum para a comunidade. Cansaço, irritação, indiferença são alguns sentimentos que surgem nos relatos de grupos surdos, bem como o desejo de provocar o profissional em questão e mostrar o quanto ainda precisa avançar nos conhecimentos tradutórios (apesar de, no exemplo imagético, a forma abordada não ser adequada).

Logo, a cenografia do meme envolve o lado debochado da comunidade em provocar “as vítimas” (especialmente os iniciantes na profissão) e vê o desespero delas nas tentativas de estratégias na interpretação, de modo que os *ethé* encenados, apontam para um rebaixamento da figura do intérprete (sua falta de domínio para

acompanhar a “voz” do surdo, a omissão nas informações transmitidas, a inexperiência nas adaptações necessárias para outra língua em tempo hábil etc.).

No meme a seguir, temos outro exemplo da figura do intérprete e da pessoa surda em uma posição desqualificante. Essa versão em particular, reaproveita outra experiência do grupo surdo para criticar um comportamento antiético:

Figura 2: Código de Ética

**QUANDO O INTÉRPRETE NÃO TRADUZ  
A PERGUNTA E JÁ RESPONDE SEM  
QUESTIONAR O SURDO.**



Fonte: (DOURADO, 2022, p. 97).

Na figura 2, a imagem remixada revela a surpresa e o constrangimento do personagem-surdo em relação ao comportamento do profissional intérprete, semioticamente representada por meio do texto a seguir: “quando o intérprete não traduz a pergunta e já responde sem questionar o surdo”. A função desse meme é avançar numa crítica sobre a atuação dos ILS (Intérpretes de Língua de Sinais), que, não raras vezes, ignoram o código de conduta e ética, ao interferir no processo de tradução e dar opiniões próprias. Tal postura deve ser evitada, a menos que seja requerido fazê-la<sup>6</sup>. No caso de transgredir o documento, o profissional mina o direito do indivíduo (surdo) de se envolver em conversas, debater e responder por si. Dessa forma, a cenografia ativa o *ethos* de surdo alienado e o sujeito passa a ocupar uma posição de rebaixamento/marginalização social.

<sup>6</sup> Sobre o código da ética profissional disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em 20 out. 2021.

A seguinte ilustração constrói uma cena enunciativa/cenografia, por meio de um print fotográfico do falso profissional que fez a interpretação durante uma homenagem ao sul-africano Nelson Mandela<sup>7</sup>:

Figura 3: Fake Intérprete



Fonte: (DOURADO, 2022, p. 47).

Sua “performance tradutória” (não passou de gestos aleatórios) durante o discurso de Barack Obama e de outros líderes mundiais lhe tornou conhecido internacionalmente ao ser acusado de fraude pela Federação de Surdos da África do Sul. Dessa forma, a inter-relação do enunciado com a figura do intérprete encena o tipo de *ethos* centrado numa desqualificação dos profissionais na área ILS.

O termo língua de sinais no enunciado “conheço os intérpretes de línguas de sinais” pode ser usado para se referir a qualquer língua de sinais usada em outros países, dado que se refere às línguas que usam a modalidade visual-espacial. Na continuação, em “não sabe falar em Libras”, a Libras é tomada como a língua de sinais neste discurso, trazendo a passagem de um evento global para o local, e, assim, localizando a função discursiva do texto. Em outras palavras, este meme oferece um argumento visual que espelha a mentalidade coletiva da comunidade surda brasileira e sua(s) críticas nas lacunas de acessibilidade, especialmente com relação à qualificação de profissionais intérpretes.

<sup>7</sup> Sobre essa situação do Intérprete não-qualificado segue o link da reportagem, disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/morte-nelson-mandela/noticia/2013/12/interprete-de-sinais-usado-em-ato-para-mandela-era-falso-diz-federacao.html>>. Acesso em 28 dez. 2021.

Apesar de o humor se fazer presente por meio do plano composicional (a montagem de uma figura/personagem reconhecida na comunidade surda e o estilo depreciativo do enunciado verbal), todos esses elementos permitem que o conteúdo expresse uma visão que é crítica, mesmo que abertamente humorística.

Em um achado, relacionado à performance dos ILS, encontramos um meme, que não necessariamente manifesta uma crítica, e sim uma visão de mundo, em que se avizinham as experiências culturais da comunidade, como no exemplo seguinte.

## 1.2 Posicionamento qualificante

Figura 4: “surdo falando”



Fonte: (DOURADO, 2022, p. 88).

Na figura 4, o meme mostra um cachorro aparentemente manso ao lado de uma fera, trazendo uma conotação contrastiva no plano enunciativo. Os textos posicionados representam o “surdo bravo falando” e, ao lado, o “intérprete traduzindo”, de modo que há um tipo de *ethé* mais vinculado a uma apreensão visual, que ativa a memória do leitor quanto às maneiras de a pessoa surda se expressar no cotidiano. Quando encenadas, as pistas revelam um posicionamento qualificante da e na cultura surda.

O jogo com as linguagens verbal e não-verbal a partir de uma inversão (semântica) do aspecto externo das figuras projeta uma perspectiva singular do



mundo surdo. A aparência do personagem surdo é límpida, apesar de sinalizar com raiva. O intérprete, por outro lado, externaliza a voz exageradamente, causando uma impressão quase quimérica.

Para quem sabe que a expressão facial é parte essencial da língua de sinais, a situação se torna visualmente cômica, por enxergar esses indícios no intérprete de voz e não na expressão do signatário. Aqui, temos uma singularidade da cultura surda, porque os surdos, ao falarem com as mãos e com o corpo, evitam movimentos exagerados e desnecessários, expressando-se de forma leve e ágil (FELIPE, 2011).

Conforme Quadros (2021, p.140), “as produções nas línguas de sinais não são somente lineares como são nas línguas orais, mas incluem a simultaneidade que viabiliza o uso concomitante de vários componentes gramaticais”. Dessa maneira, os movimentos dos músculos facial e corporal são bem controlados pelos signatários, que os combinam estruturalmente na construção dos próprios propósitos discursivos. Percebemos esses elementos na posição-surda, pois os *ethé* (re)produzem a tranquilidade de uma língua gestual-manual ao destacar os traços gramaticais da língua de sinais, que muito se difere das emoções humanas espontâneas.

### Considerações Finais

Chegamos ao final da nossa análise e algumas considerações devem ser feitas no que concerne os memes analisados. O *ethos* focalizado nesse trabalho, independentemente do enunciador do meme, sinaliza um *ethos* “projetado” nas figuras dos intérpretes e das pessoas surdas, ainda que, percebemos, ao lado, a inter-relação *ética* das informações *prévias* (ligadas ao imaginário comunitário de pessoas surdas) e das informações *mostradas* (ligadas ao *corpus* estudado), tanto o enunciador joga estilisticamente e dialogicamente com os símbolos presentes na comunidade (excluindo-a, ampliando-a...), quanto o co-enunciador interpreta-os a partir do que já sabe sobre a cultura surda (confrontando o que está vendo/lendo com as imagens do que já viu/ouviu/leu no interior da comunidade).

O *ethos* das figuras de intérpretes e/ou surdos representados nos memes abre uma nova extensão nas categorias de *ethos* prévio e *ethos* discursivo (dito e/ou mostrado). Galinari (2012), no artigo “Sobre *ethos* e AD: Tour teórico, críticas, terminologias”, chega a falar de *ethos* de outrem, as “imagens de outrem”,



diversamente as “imagens de si” daquele que cria/enuncia o discurso. Em suas palavras, “O ethos, assim, não se resumiria, no plano teórico, ao conhecido jargão “imagens de si”, mas se estenderia também ao que poderíamos chamar de “imagens de outrem”” (GALINARI, 2012, p. 66).

Conscientemente ou não, deparamos com a construção do *ethos* de outrem, das vozes da comunidade surda, nos memes analisados, já que escrevemos na posição de um membro da comunidade surda, em que o traço identitário de uma das autoras desse trabalho (pesquisadora-surda), a torna suscetível à influência dos discursos outrem e de outrem na discussão dos memes. Dessa forma, admitimos a necessidade de lidar com uma outra faceta teórica, a saber, o *ethos* como imagem de outrem/algo/alguém, conforme Galinari (2012, p. 67).

Nesse sentido, os memes analisados não apenas incorporam *imagens de si* do enunciadador-surdo, mas incorporam o *ethos* de outrem (experiências comunitárias), haja vista inspirar nos outros (navegantes/leitores das páginas *on-line* da comunidade surda), a identificação com a cultura surda, daquilo que nos diferencia do outrem não-surdo.

Trata-se de uma experiência visual, a utilização da visão (em substituição total à audição) como meio de comunicação. Desta experiência visual representada pela língua de sinais, caracteriza-se o modo de ser da pessoa surda, de se expressar, de conhecer o mundo (PERLIN; MIRANDA, 2003), que nos diferenciam do outrem não-surdo, que permite tomar o poder de criticar profissionais ainda sem preparo para atuar na área ou de reafirmar as características culturais representadas pela sutileza articulatória de falantes surdos.

Portanto, os posicionamentos, aqui encenados, geram interpretações que envolvem determinado modo de organização cultural/social da comunidade. Temos, dessa forma, uma *maneira de ser* que é capturada por uma *maneira de dizer*, o que sugere haver inscrições culturais próprias da comunidade surda e dos lugares a partir dos quais seus membros se posicionam.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 17-35.

- COUTO, Hildo. Sobre o conceito de comunidade surda. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2005. pág. 193-219.
- DORNYEI, Zoltán. *Research Methods in Applied Linguistics: Quantitative, Qualitative and Mixed Methodologies*. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- DOURADO, Maria Kérsia da Silva. *Vozes surdas: um estudo de memes sobre a e pela comunidade surda*. 2022. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.
- FELIPE, Tanya Amara. *Libras em contexto: curso básico*, livro do estudante cursista – Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. São Paulo: MEC; SEESP, 2011.
- GALINARI, Melliandro Mendes. Sobre ethos e AD: tour teórico, críticas, terminologias. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* [online]. 2012, v. 28, n. 1, p. 51-68.
- GUERRA, Christiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 3, jul.-set. 2018. p.1859-1877.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-E-Silva (Orgs.). – São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do Ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: SP: Contexto, 2011. p. 11-32.
- MAINGUENEAU, Dominique. Situação de enunciação – situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. Trad. Nelson Barros da Costa. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de; POSSENTI, Sírio (Orgs.). *Doze conceitos em análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 199-207.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do Discurso e Web: existem os gêneros web? *Revista da ABRALIN*, v.15, n.3, p. 135-160, jul./dez. 2016a. Disponível em: <[revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230](http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/50230)>. Acesso em 02 de março de 2021.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016b. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, Dominique. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.
- PERLIN Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA Wilson. Surdos: o Narrar e a Política In: *Estudos Surdos* — Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos, nº 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. *Gramática da Libras: estudos introdutórios sobre seus componentes gramaticais*. Florianópolis, SC: Signa, 2021.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

RE-UNIR